



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 19 - dezembro de 2017

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i19p53-64>

Il Guarany e Ubiraiara: os romances de José de Alencar na Itália

Il Guarany and Ubiraiara: novels by José de Alencar in Italy

*Valéria Cristina Bezerra*¹*

RESUMO

José de Alencar foi um dos autores brasileiros mais traduzidos no século XIX e seus romances tiveram versões em diferentes idiomas, como inglês, alemão, francês e italiano. Essa faceta das obras de Alencar tem sido objeto de redescoberta por meio de estudos que procuram analisar os sentidos dessas traduções em seu tempo e o impacto que causaram na imagem da literatura brasileira. Este artigo se propõe a verificar a presença dos romances de José de Alencar na Itália, a fim de compreender a relevância das traduções de suas obras no contexto internacional de circulação de impressos, durante um período em que as trocas culturais marcaram o processo de criação das identidades literárias nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: José de Alencar; Romance; Tradução; Recepção; Século XIX

ABSTRACT

José de Alencar was one of the most translated Brazilian authors in the nineteenth century and translations of his novels were made into various languages, such as English, German, French, and Italian. This facet of his works has been the subject of rediscovery through studies that aim at analyzing the meanings of these translations in their time and the impact they had on the image of Brazilian literature. This article sets out to verify the presence of José de Alencar's novels in Italy to understand the relevance of the translations of his works in the context of the international circulation of printed matter during a time when cultural exchanges marked the process of creating national literary identities.

KEYWORDS: José de Alencar; Novel; Translation; Reception; Nineteenth century

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil – valcrisbr@gmail.com. Este trabalho é resultado de pesquisas de doutorado, realizadas com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Em 1864, sete anos após a aparição de *O Guarani* nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, esse romance foi publicado em idioma italiano em Milão, Itália, em quatro pequenos volumes. No prefácio, o tradutor, G. Fico, informou quanto à novidade da origem da obra entre os leitores italianos: “Aqui está, leitoras e leitores galantes, um belo romance, vindo, nem da zona fria, nem da zona temperada, como comumente ocorre, mas da zona tórrida, para além do Equador” (FICO, 1864, p. v)¹. Para o tradutor, o interesse do leitor italiano seria despertado pelo romance não apenas por sua especificidade exótica, paisagística, histórica, como lemos em boa parte da recepção crítica estrangeira, mas também no que ele oferece de comum à humanidade como um todo:

Embora as paixões dos indivíduos da nossa espécie sejam basicamente as mesmas – porque em todo lugar o amor, a rivalidade, o desdém, o orgulho, a vingança agitam o peito dos filhos de Adão – você encontrará, sem dúvida, uma nova forma, com a qual esses sentimentos se vestem, sob um sol ardentíssimo, que fecunda uma terra em muitas partes ainda virgem, repleta do mais vago e delicioso, mas também do mais feio e horrível, como o deserto, os furacões, as florestas seculares, com todas as famílias de animais mortíferos, que desde o pequeno inseto ameaçam continuamente a vida dos habitantes. (FICO, 1864, p. v).²

Os fatores particulares e mesmo exóticos do Brasil ofereciam uma nova forma àquilo que seria imanente ao ser humano e comporiam o elemento de interesse de boas composições literárias. A análise de Fico vai ao encontro do que os homens de letras brasileiros ansiavam para a literatura do país, como Alencar em “Benção Paterna”, Machado de Assis, em “Instinto de Nacionalidade”, os quais viam que, para além da natureza, aspectos que fossem locais e ao mesmo tempo cosmopolitas deveriam pautar a composição literária nacional. Avaliando a interpretação de Fico, podemos entender que esse critério adotado pelo autor na construção dos personagens de *O Guarani* teria sido bem executado. Peri, em vez de ser destacado exclusivamente como um indígena

¹ “Eccovi, lettori e lettrici galanti, un bel romanzetto, che non vien nè dalla zona fredda, nè dalla temperata, come accade ordinariamente, ma fin dalla torrida, al di là dall’equatore”. Tradução minha, assim como todas as demais citações do italiano traduzidas neste artigo. Agradecemos a Giorgio de Marchis, da Università Roma Tre, por ter gentilmente revisado as traduções deste artigo.

² “Sebbene le passioni degl’individui della nostra specie sieno per tutto in fondo le stesse; chè ovunque l’amore, la rivalità, lo sdegno, l’orgoglio, la vendetta agitano il petto dei figliuoli di Adamo, vi troverete, non ne dubito, qualche nuova forma, di cui esse si vestono sotto un sole ardentissimo, che feconda una terra in molta parte ancor vergini, ripiena delle cose più vaghe e deliziose, ma eziandio più brutte ed orribili, come il deserto, gli uragani, le secolari foreste, con tutte quelle famiglie di animali mortiferi, che dal più piccolo insetto insidiano di continuo alla vita de’suoi abitanti!”.

nativo, dialogaria com aspectos presentes na cultura europeia. Qualificado como “intrépido, valoroso, sagacíssimo”, para satisfazer Cecília, Peri seria capaz de proezas que causariam inveja a Hércules e Teseu, sendo, portanto, aproximado aos deuses da mitologia clássica. Além de classificado como uma espécie de herói grego, incorporava ainda valores do cavaleiro medieval, dotado de “fedeltà veramente cavalleresca”. Para ampliar a mistura cultural com que o perfil de Peri foi apresentado ao leitor italiano, Fico o confrontou com os indianos e com os chineses no que diz respeito aos costumes e à resistência ao catolicismo (FICO, 1864, p. vii-viii). Vê-se aqui um Peri em trânsito entre valores do mundo antigo, medieval e mesmo oriental, em vez de restrito a imagens estereotipadas do Novo Mundo.

Quanto aos demais personagens, “[...] são tomados a partir do seio da sociedade civil, e têm hábitos e costumes pouco diferentes dos nossos.” (FICO, 1864, p. viii)³. Dom Antonio de Mariz seria o “[...] melhor modelo de um verdadeiro fidalgo português.” (FICO, 1864, p. viii)⁴. Cecília, como tantas moças de sua idade, foi qualificada como “[...] ingênua, alegre e graciosa menina, [...] tão gentil quanto bonita [...]” (FICO, 1864, p. ix)⁵; Isabel (Isabella na versão em italiano) é uma “[...] infeliz e desventurada amante [...]” (FICO, 1864, p. ix)⁶. O tradutor enfatizou características reconhecíveis na sociedade europeia do seu tempo e afastou a obra de Alencar da noção de documento, que daria a conhecer especificamente seu país e a realidade do Novo Mundo: “[...] logo percebemos que esses e outros aspectos são apenas fantasias de poetas” (FICO, 1864, p. ix)⁷. Encarada em sua faceta ficcional, nem por isso a obra teria valor menor. Carregando em seu subtítulo a designação “romanzo storico di J. de Alencar”, gênero detentor de melhor prestígio, a obra teria maior qualidade em relação a muitos outros romances estrangeiros, sendo oferecida como espécie de “antídoto” aos leitores:

Este romance nos parece valioso não apenas em partes isoladas, mas também em seu conjunto, a saber, na urdidura do enredo que se desenvolve em unidade de tempo e naturalidade, no desenrolar progressivo das paixões simples, no seu contraste sempre vivo e cheio de interesse, no desfecho inesperado e bastante verossímil, e assim por diante; parece-nos ainda um bom antídoto contra tantos romances estrangeiros, que fazem falar, sentenciar e operar seus personagens

³ “[...] sono tratti dal seno della civile società, ed hanno abiti e costumi poco differenti dai nostri”.

⁴ “[...] più bel modello che si poteva dare di un vero *fidalgo* portoghese”.

⁵ “[...] ingenua, gaia e leggiadra fanciulla, è una creatura tanto gentile, tanto graziosa”.

⁶ “[...] infelice e sventurata amante”.

⁷ “[...] ben presto ci accorgiamo che queste altro non sono che fantasticherie di poeti”.

segundo normas de uma sociedade, que poderá talvez ser chamada de ultramontana, mas certamente não de italiana. (FICO, 1864, p. x-xi).⁸

Nesse sentido, *O Guarani* se apresentava como habilmente realizado, formalmente bem composto e capaz de dialogar com uma cultura diferente da de sua origem. Fico é autor de ensaios publicados na mesma editora pela qual saiu a tradução de *O Guarani*, a Serafino Muggiani e Comp. Entre as publicações dessa editora, identificamos uma grande quantidade de obras de Antonio Bresciani (1798-1862), padre jesuíta, além de um significativo número de romances estrangeiros de popularidade, muitos com caráter de descoberta e aventura, como os de Jules Verne, Fenimore Cooper, Gustave Aimard, Mayne Reid. A editora publicou também a versão italiana do popular *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe.

Il Guarani foi anunciado entre os livros de um gabinete de leitura chamado Biblioteca di Lettura di G[iovanni] Meiners e Figlio, de Milão. Entre os títulos disponíveis aos associados, constavam as obras de Balzac, Chateaubriand, Cooper, Dumas, Erckmann-Chatrian, Fénelon, Feuillet, Féval, Flaubert (apenas *Salammbô*), Gaboriau, Victor Hugo, Paul de Kock (o segundo com mais títulos, após Dumas), Mayne-Reid, Walter Scott, Eugène Sue, dentre muitos outros estrangeiros. Todos os títulos desses autores aparecem anunciados em edições italianas, com local de publicação em Milão em sua quase unanimidade, o que atesta a força e competitividade do mercado de tradução de romances nessa cidade e salienta o desafio que representou a entrada da obra de Alencar nesse espaço.

Como sabemos, da versão italiana de *O Guarani*, Antonio Scalvini, romancista, dramaturgo, libretista e diretor de companhia teatral (LEONELLI, 1946, p. 351), compôs o libreto da ópera *Il Guarany*, musicada pelo maestro brasileiro Carlos Gomes, o qual recebeu todas as honras em relação à adaptação, pois é quase sempre o único mencionado nas revistas e colunas dedicadas a críticas e notícias artísticas e musicais na imprensa. A ópera estreou no renomado Teatro Scala, de Milão, em 19 de março de 1870. Devido ao enorme sucesso, manteve recorrentes representações nas cidades

⁸ “Questo romanzo, che ci sembra pregevolissimo non tanto nelle singole parti, quanto nel suo insieme; cioè nell'orditura della favola varia ad un tempo e naturale, nello svolgersi delle passioni semplice e a gradi, nel loro contrasto sempre vivo e pieno d'interesse, nella risoluzione degli avvenimenti inaspettata e assai verosimile e via discorrendo; ci sembra anche un buon antidoto contro quei tanti romanzi forestieri, che fanno parlare, sentenziare e operare i loro personaggi secondo le norme di una società, che potrà forse chiamarsi oltremontana, ma non certamente italiana”.

italianas e pelo mundo ao longo de toda a década e contou ainda com montagens ou temporadas esporádicas nas décadas subsequentes.

Carlos Gomes respondia sozinho pelos contratos que estabeleceu quanto à ópera, como mostram os arquivos da Coleção Carlos Gomes, no Museu Imperial. O maestro obteve de Scavini a cessão dos direitos sobre o libreto em abril de 1870. Uma das edições do libreto italiano traz a informação de que Carlos Gomes seria o único detentor dos direitos sobre a ópera, indicando ainda, em sua advertência, a origem da composição: “Este drama foi tirado do estupendo romance de mesmo título do escritor brasileiro José de Alencar” (ANÔNIMO, 1869, s/p)⁹. A celebridade rendeu a Carlos Gomes algumas comendas: em 27 de junho de 1872 recebeu do Ministro da Instrução Pública da Itália o diploma de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália; o imperador D. Pedro II seguiu o exemplo e conferiu a Comenda da Ordem da Rosa a Carlos Gomes na noite de representação de *Il Guarany* no Rio de Janeiro, em dezembro de 1871.

Nesse mesmo ano de 1871, a revista *Nuova Antologia* dedicou um artigo à ópera intitulado “Il Guarany, del maestro Carlos Gomes”. De autoria de A. Biaggi, o artigo se deteve nos aspectos do enredo do libreto, mencionando sua autoria, sem esquecer a origem da inspiração da obra: “Este é o tema da ópera, adaptada de um romance de José de Alencar, que se intitula igualmente *Guarani* e que é no Brasil tão popular como é entre nós *I Promessi Sposi*” (BIAGGI, 1871, p. 643)¹⁰. *I Promessi Sposi* é um romance histórico de autoria de Alessandro Manzoni, publicado em 1827. A obra, traduzida para vários idiomas, fez enorme sucesso em seu tempo e permanece lembrada como um dos mais célebres romances italianos (COLQUHOUN, 1954).

Sobre a música de Carlos Gomes, Biaggi discutiu os aspectos de originalidade e imitação nela presentes, comparando-a com composições de ícones da música clássica, assim como destacando os elementos que a seu ver seriam originais na composição. E arrematou dizendo que:

[...] *il Guarany* é a primeira obra de Gomes; de maneira que é forçoso convir que bem poucos compositores começaram melhor e de forma mais promissora. Na sua música não há nem dificuldade, nem fadiga, nem incerteza; rara é a divagação ociosa, raro é o desarranjo, todas as raras fragilidades devidas ao libreto. *Il Guarany*, em suma, é obra de um jovem nascido para a arte, e que a tem estudado com a

⁹ “Questo dramma fu tratto dallo stupendo romanzo dello stesso titolo del celebre scrittore brasiliano José de Alencar”.

¹⁰ “È questo il soggetto dell’opera, tolto da un romanzo di José de Alencar, che s’intitola ugualmente *Guarany*, e che è nel Brasile così popolare come sono popolari fra noi *I Promessi Sposi*”.

perseverança e o fervor de um verdadeiro artista. (BIAGGI, 1871, p. 645).¹¹

Na Itália, como se vê, a ópera parece ter significado um impulso a mais na recepção de Alencar. É possível que o sucesso da ópera tenha motivado a publicação da segunda edição da versão italiana do romance, ocorrida no ano de 1871. O próprio prefácio da segunda edição reforça essa hipótese, pois oferece o mesmo texto do prefácio da primeira edição, com o acréscimo do seguinte parágrafo:

Este romance, que por sua interessante história e por suas raras qualidades de redação e de estilo foi elevado na sua pátria ao grau de epopeia nacional, já inspirou mais de um artista, e ultimamente [tem inspirado] a robusta e sensível inteligência do senhor Gomes, que tirou dele o argumento de uma ópera bastante solicitada, il GUARANY. É de conhecimento de todos os amantes da arte musical o aplauso com que foi acolhido o trabalho do célebre maestro em sua estreia no teatro Scala de Milão. (FICO, 1871).¹²

A edição aparece em volume único, com lombada dourada e ilustrações. Apresenta ainda dedicatória ao imperador D. Pedro II e à imperatriz, por ocasião da passagem do casal pela Europa e de sua visita à Itália nesse ano de 1871. O título sofreu uma considerável modificação: o romance antes intitulado *Il Guarany, ossia l'indigeno brasiliano. Romanzo storico di J. de Alencar* passou a ter como título *Il frate avventuriere e la vergine, romanzo storico di J. Alencar*. Apesar da manutenção do nome do autor e da classificação da obra como romance histórico, foram excluídos no novo título os aspectos indianista e brasileiro. Para Amarilis Gallo Coelho, que realizou um trabalho de cotejo entre o texto original e a tradução, tal título ressaltou o papel do antagonista, deixando Peri em posição secundária na obra. A estudiosa identifica, na versão de Fico, a adoção de procedimentos de tradução literal e empréstimo, resultando numa relevante quantidade de notas de rodapé feitas pelo próprio tradutor para explicar

¹¹ “[...] il *Guarany* è la prima opera del Gomes; sicchè è forza convenire che ben pochi compositori cominciarono meglio e in modo più promettente. Nella sua musica né stento, né fatica, né incertezza; rare le divagazioni oziose, rari gli affastellamenti, rari e tutti portati dal *libretto* i languori. *Il Guarany* insomma è l’opera di un giovane nato per l’arte, e che l’ha studiata con la perseveranza e col fervore di un vero artista”.

¹² “Questo romanzo, che per l’interessante racconto e i pregi rarissimi di dettato e di stile fu innalzato nella sua patria al grado di epopea nazionale, in spirò già più d’un artista, e ultimamente la robusta e tenera *fantasia del signor Gomez*, che ne trasse argomento ad una lodatissima Opera in musica, il GUARANY. A tutti gli amatori dell’arte musicale è noto con qual plauso fu accolto il lavoro del celebre maestro la prima volta che andò in scena al teatro della Scala di Milano”.

ao leitor italiano os sentidos dos aspectos e termos mantidos, que preservavam no texto o caráter indianista da obra (COELHO, 1988)¹³.

Diante da difusão de *O Guarani* na Itália, Alencar ganhou um verbete no *Dizionario Biografico degli scrittori contemporanei* (1879). Chamado de Giuseppe Alencar, a entrada informa:

Escritor brasileiro, chefe da nova Escola literária brasileira. Nascido em 1830 em Fortaleza (Ceará), após ter alcançado o grau de Bacharel em direito, dedicou-se inteiramente à literatura, ao jornalismo e à política. Publicou um grande número de romances, sendo os principais *O Guarani*; *Lucíola*; *Diva*; *Senhora*; *Sonhos d'ouro*; *Iracema*. Estreou na cena teatral com uma comédia de costumes muito aplaudida, intitulada *O demônio familiar*. O engenho de Alencar revela-se especialmente na descrição da natureza tropical. O seu romance *Guarani* foi traduzido em italiano e em inglês. (GUBERNATIS, 1879, p. 26).¹⁴

A mesma informação aparece no *Lexicon Vallardi, enciclopedia universale illustrata*, editado durante a década de 1880, o qual também oferece um verbete sobre o escritor. Indicando a variedade da obra de Alencar, o autor anônimo destacou o que considerava como a sua principal obra: “[...] seu maior título de glória é o de ter sido o criador do romance nacional no Brasil, de modo que é considerado o Fenimore Cooper daquele país. O mais célebre de seus romances é *O Guarani* (1857), que foi traduzido em francês, inglês, italiano etc.” (s/d, p. 408)¹⁵. Vemos que não apenas a representatividade de Alencar na escrita da literatura nacional de seu país era um índice para sua boa avaliação, mas também a sua inserção no exterior por meio das traduções de suas obras.

Outra tradução de Alencar surgiu em 1883, ano em que foi publicada a versão italiana de *Ubirajara*, intitulada *Ubiraiara, leggenda tupica di J. de Alencar*. O tradutor,

¹³ Agradecemos a Pedro Paulo Catharina, da UFRJ, por nos ter favorecido a leitura do trabalho de Amarilis Gallo Coelho.

¹⁴ “Scrittore brasiliano, capo della nuova Scuola letteraria brasiliana. Nato nel 1830 a Fortaleza (Cearà), dopo aver conseguito il grado di Baccelliere in diritto, si dedicò intieramente alla letteratura, al giornalismo ed alla politica. Pubblicò un gran numero di romanzi, i principali dei quali sono: ‘O Guarany; Luciola; Diva; Senhora; Sonhos de Ouro; Tracema (sic)’. Esordì sulla scena con una commedia molto applaudita di costumi, intitolata ‘Il Demonio della famiglia’. [...]. L’ingegno dell’Alencar si rivela specialmente nella descrizione della natura tropicale. Il suo romanzo ‘Guarany’ fu tradotto in italiano ed in inglese”.

¹⁵ “[...] suo maggior titolo di gloria è di essere stato il creatore del romanzo nazionale nel Brasile, così da essere considerato come il Fenimore Cooper di quel paese. Il più celebre de’ suoi romanzi è: *O Guarany* (1857), stato tradotto in francese, in inglese, in italiano, ecc”.

G. Morena, foi professor de latim, francês e português no Brasil e diretor do Collegio União, conforme se lê na própria folha de rosto da edição.

O longo prefácio da edição escrito pelo tradutor oferece uma breve apresentação de Alencar, qualificado como “[...] um dos mais cultos e elegantes literatos brasileiros [...]”¹⁶ e erroneamente designado como Senador (MORENA, 1883, s/p). Morena salientou, na sua apreciação do romance em questão, a natureza virgem e seus amores delicados, recomendando-o ao leitor interessado nesses assuntos, em oposição àqueles que buscariam numa produção corrente “[...] comoções violentas em cenas trágicas de sangue e crimes inesquecíveis” (MORENA, 1883)¹⁷. Assim como Fico, que antepôs o romance *Il Guarany* a obras que considerava de menor valia, aqui também Morena enaltecia a qualidade de *Ubirajara* diante de uma maneira de escrever romances que tinha a atenção do público, mas que era depreciada pelo tradutor.

Morena explicou brevemente alguns aspectos do enredo, do cenário e dos indígenas, mas, em um período de intensa publicidade em vista da imigração, parece ter sido esse o principal interesse do prefácio e possivelmente da publicação da obra em italiano, por mais curioso que isso pareça, já que obras ilustradoras da atualidade dos costumes da sociedade brasileira talvez fossem mais eloquentes nesse convencimento do que aquelas que tratam de selvas e embates entre indígenas. Ou possivelmente, por outro viés de leitura, os valores naturais dos indígenas anteriores à colonização poderiam sugerir a retidão do caráter nativo da população brasileira de então, herdeira desse legado. Destacando a imensidão do Brasil, o tradutor ofereceu dados estatísticos quanto às características do país, como a sua dimensão territorial e sua população; a extensão dos rios e navegabilidade; informações sobre costa e portos; clima e solo; minérios, fauna e flora; cultivo do café e sua relevância no comércio internacional do produto; tudo de forma bastante laudativa, com o fim de atrair o interesse pelo Brasil. Ao final, o tradutor referiu-se às artes, à liberdade religiosa (talvez para dar segurança a possíveis imigrantes protestantes quanto à sua acolhida), sem deixar de exaltar aquele que dirigia essas alegadas maravilhas:

De fato, nesse país há um grande amor pela instrução e homens eminentes na nascente literatura e nas belas artes; há ainda uma população pacífica, sincera, gentil, inteligente e trabalhadora, e um governo que, depois de sua consolidação, com uma tranquilidade ininterrupta, assegura aos nacionais e estrangeiros a mais ampla

¹⁶ “[...] uno dei più culti e leggiadri letterati brasiliani”.

¹⁷ “[...] violente commozioni in tragiche scene di sangue e di memorabili delitti”.

liberdade religiosa; finalmente, por um desses felizes acontecimentos que contribui enormemente para o desenvolvimento das novas Nações, dirige o destino desta tão fortunada região o novo Numa brasileiro, o Imperador D. Pedro II, que em cortesia, em lealdade, em doutrina e em sabedoria será sempre digno de ser oferecido como modelo aos governantes da terra. (MORENA, 1883).¹⁸

Conforme se lê na passagem, as artes eram também um elemento relevante na propaganda do Brasil, representado aqui pelo romance de Alencar, escolhido para a promoção do país no exterior.

Reforça a evidência do tema da imigração por essa época a criação no Brasil, nesse mesmo ano de 1883, da Sociedade Central de Imigração, que tinha como princípios, como mostra Michael M. Hall a partir dos estatutos da sociedade, “[...] difundir no Brasil a ideia da imigração europeia, dar informações a imigrantes, trabalhar politicamente por reformas necessárias e, ulteriormente, divulgar na Europa a imigração para o Brasil” (HALL, 1976, p. 149). A associação tinha como vice-presidente e uma das figuras mais atuantes Alfredo d’Escragnolle Taunay. Apesar de propor ambiciosas medidas, a sociedade não teve efetiva intervenção nas ações de imigração e difusão publicitária no exterior, conforme mostra Hall.

É possível que iniciativas institucionais tenham exercido alguma interferência para a realização dessa tradução, pois seu tradutor havia morado no Brasil e possivelmente mantido contato com as lideranças do país particularmente interessadas na imigração e que viam nos italianos um dos alvos principais. Eram mantidas agências na Itália com o fim de dar publicidade ao Brasil e atrair imigrantes, as quais repercutiram em resultados, uma vez que, entre 1880 e 1904, o país era o terceiro principal destino dos italianos, representando 57,4% do total de imigrantes no Brasil naquela época (TRENTO, 1988, p. 18).

Giorgio de Marchis questiona o efetivo impacto que traduções de obras brasileiras alcançariam entre imigrantes italianos, dado o alto índice de analfabetismo entre os trabalhadores propensos à imigração e a predominância de dialetófonos. Marchis verifica, contudo, ter sido a imigração uma das razões, dentre outras analisadas

¹⁸ “Infatti quivi un grande amore all’istruzione e uomini insigni nella nascente letteratura e nelle arti belle; quivi una popolazione pacifica, schietta, gentile, intelligente e laboriosa, e un governo che, dopo il suo consolidamento, con una tranquillità non interrotta, assicura ai nazionali ed agli stranieri la più ampia libertà religiosa; quivi infine, per una di quelle felicissime eventualità che contribuiscono sommente all’incremento dei nuovi Stati, dirige i destini di questa fortunatissima regione il novello Numa brasiliano, l’Imperatore D. Pietro II, che in cortesia, in lealtà, in dottrina ed in saviezza, sarà sempre degno di essere proposto come modello ai regnanti della terra”.

pelo estudioso, do aparecimento de obras brasileiras em idioma italiano (MARCHIS, 2015)¹⁹. O romance de Alencar, portanto, possivelmente integrou esse circuito em favor da imigração, favorecendo um diálogo não apenas com o público trabalhador apto para a leitura da obra, mas também com autoridades e indivíduos de instâncias envolvidas com a atividade migratória.

No ano seguinte à publicação de *Ubiraiara*, em 1884, informações sobre Alencar apareceram em outra publicação italiana, um livro de relatos de viagem intitulado *Attraverso l'Atlantico e in Brasile*, de Alberto de Foresta. Em passagem por Campinas, terra natal de Carlos Gomes, o viajante relembrou o sucesso da ópera, o que lhe deu ensejo para comentar sobre as obras de Alencar. Foresta fez elogios às crônicas de *Ao Correr da Pena*, as quais “[...] pintavam ao vivo a sociedade fluminense, sem o prisma do europeu, que, chegado com suas ideias preconcebidas, a julga naturalmente a partir dos próprios costumes” (FORESTA, 1884, p. 309)²⁰. Apesar de identificar a variedade cultural da sociedade brasileira, criticando aqueles que a estereotipavam, Foresta mostrou um discurso à primeira vista habitual quanto aos romances de Alencar na crítica estrangeira através do uso dos temas locais:

Mas onde mais aparece o talento do escritor é no romance, que soube tornar nacional, alcançando, a partir de fontes nativas e da inspiração local, páginas consideradas belíssimas pelo contraste das paixões, pelas descrições dos primeiros contatos entre conquistadores e conquistados e pelo relato dos costumes indígenas. Obras-primas do gênero são os romances *Guarani* e o poema em prosa *Iracema*, que lhe renderam o nome de Fenimore Cooper sul-americano (FORESTA, 1884, p. 309-310).²¹

O repetido epíteto de Fenimore Cooper do Brasil atribuído a Alencar guarda aqui o sentido de um escritor hábil em sua arte e capaz de criar obras-primas, igualadas às daquele que, por diversas vezes na crítica brasileira e na estrangeira, foi considerado como exemplar na execução do gênero romance.

O imaginário criado por Alencar revelaria mais uma vez sua aptidão popular por meio da circulação na Itália de uma adaptação romanesca da ópera *Il Guarany* realizada

¹⁹ Agradecemos a Giorgio de Marchis por nos ter permitido a leitura de seu trabalho inédito.

²⁰ “[...] le quali dipingono al vivo la società fluminense, senza il prisma dell'europeo, che, giunto con idee preconette, la giudica naturalmente dai propri costumi”.

²¹ “Ma ove maggiormente appare il talento dello scrittore è nel romanzo, che ha saputo far nazionale, attingendo a fonti native e ad ispirazioni locali pagine riputate bellissime per contrasto di passioni, per descrizioni dei primi contatti fra conquistatori e conquistanti, e per relazioni di costumi indiani. Capolavoro del genere sono i romanzi *Guarany*, ed il poema in prosa *Iracema*, che gli valsero il nome di Fenimore Cooper sud-americano”.

por Mário Mariani e publicada em 1891. Segundo Marchis, Mariani “[...] foi um dos mais prolíficos romancistas populares na Itália finissecular [...]” devido a um expressivo número de romancetes de sua autoria publicados no período. A adaptação parece ter tido algum êxito, já que em 1905 contou com segunda edição (MARCHIS, 2015).

A presença de obras de José de Alencar na Itália salienta a dimensão transnacional que as letras brasileiras detinham durante o século XIX e indica a importância dessa repercussão no processo de reconhecimento e de legitimação da literatura do Brasil, aspectos para os quais Alencar desempenhou um relevante papel. É provável que a Itália tenha funcionado como entrada para o percurso internacional dos romances de Alencar a partir da publicação em 1864 da versão italiana de *O Guarani*, primeira tradução integral em língua estrangeira de um romance desse escritor até o momento identificada. O êxito de Alencar na Itália possivelmente favoreceu a circulação de seus romances na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, países que tiveram traduções das obras do escritor publicadas nas décadas posteriores, revelando que o cenário de constituição e de legitimação da literatura brasileira ultrapassou as fronteiras nacionais e integrou a globalização cultural já em curso no século XIX.

REFERÊNCIAS

ABBONAMENTO alla Biblioteca di Lettura di G. Meiners e Figlio. Milano: Tip. Bernardoni, 1871.

ALENCAR, J. *Il Guarany*, ossia l'indigeno brasiliano. Romanzo Storico di J. de Alencar (Traduzione dal Portoghese). Milano: Serafino Muggiani e Comp., 1864.

_____. *Il frate avventuriere e la vergine*, romanzo storico di J. Alencar. Milano: Serafino Muggiani, 1871.

_____. *Ubiraiara*, leggenda tupica di J. de Alencar. Gênova: Tipografia di Gaetano Schenone, 1883.

BIAGGI, A. Il Guarany, del Maestro Carlos Gomes. In: *Nuova Antologia di Scienze, Lettere ed Arti*. Firenze: Direzione della Nuova Antologia, 1871.

COELHO, A. G. *Incursões nos meandros da crítica textual*. 1988. 156f. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Filologia). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COLQUHOUN, A. *Manzoni and his times*, a biography of the author of 'The Betrothed' (*I promessi sposi*). London: J. M. Dent & Sons LTD, 1954.

FICO, G. Prefazione. In: ALENCAR, José de. *Il Guarany*, ossia l'indigeno brasiliano. Romanzo Storico di J. de Alencar (Traduzione dal Portoghese). Milano: Serafino Muggiani e Comp., 1864.

FORESTA, A. *Attraverso l'Atlantico e in Brasile*. Roma: Casa Editrice A. Sommaruga e C., 1884.

GUBERNATIS, A. de (Dir.). *Dizionario biografico degli scrittori contemporanei*. Firenze: Coi Tipi dei Successori le Monnier, 1879.

HALL, M. M. Reformadores de classe média no Império brasileiro: a Sociedade Central de Imigração. *Revista de História da USP*, São Paulo, n. 105, 1976.

IL GUARANY, Melodramma in quattro atti, parole di Antonio Scalvini. Musica del maestro cav.^e A. Carlos Gomes, da rappresentarsi nel R. Teatro Alla Scala, nella stagione di Carnevale-Quaresima 1869-70. Milano: Coi Tipi di Francesco Lucca, 1869.

LEONELLI, N. (Dir.). Attori tragici, attori comici. In: *Enciclopedia biobibliografica italiana*. v. 2. Roma: Istituto Editoriale Tosi, 1946.

LEXICON Vallardi; enciclopedia universale illustrata. Milano: Casa editrice Dottor Francesco Vallardi, s/d, v. I – A.

MARCHIS, G. de. «Infelici tribù» ou «belve feroci»? O Indianismo dos italianos. In: NASCIMENTO, M. de F.; FURTADO, M. T.; GUIMARÃES, M. R. (Org.). *Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias*. ABRALIC, Belém-PA, 2015. [No prelo].

MORENA, G. Avvertenza del traduttore. In: ALENCAR, J. de. Ubiraiara leggenda tipica di J. De Alencar. Gênova: Tipografia di Gaetano Schenone, 1883.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.

Data de submissão: 03/07/2017

Data de aprovação: 06/08/2017